

## Primeiros contatos: reflexões sobre a estesia do belo<sup>1</sup>

Sônia Maria Nogueira de Godoy<sup>2</sup>, Franca.

**Resumo:** o filme *A grande beleza* (*La grande bellezza*), de Paolo Sorrentino (2013), e o conto “O espelho”, de Machado de Assis (1882/1985), inspiram reflexões sobre a procura repetida da estesia do belo, em pacientes com dificuldades de usufruir dela. A aderência a pessoas, a eventos, a coisas e às repetições desenfreadas de estímulos sexuais e de uso de drogas leva a conjecturas sobre a evasão do conflito estético (Meltzer & Williams, 1988/1995). Os desencontros, observados com experiências que impossibilitam relações com o belo e com o trágico, levam a autora a cogitar a ação da “antiemocionalidade” proposta por Meltzer, como evasão do “conflito estético”.

**Palavras-chave:** experiência estética; conflito estético; antiemocionalidade.

Quem não reproduz dentro de si o mundo que o gera?

–Eduardo H. Galeano, *Inventário geral do mundo*

Eduardo Galeano (citado por Nepomuceno, 2018) nos conta sobre Arthur Bispo do Rosário no *Inventário geral do mundo*:

Arthur Bispo do Rosário foi negro, pobre, marinheiro, lutador de boxe e artista por conta de Deus. Viveu num manicômio do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Trabalho ampliado do que foi apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise: Morte e Vida – Novas Configurações.

<sup>2</sup> Psicóloga. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Lá, os sete anjos azuis transmitiram a ele a ordem divina: Deus mandou-o fazer um inventário geral do mundo. A missão encomendada era monumental. Arthur trabalhou dia e noite, cada noite, cada dia, até que no inverno de 1989 quando estava em plena tarefa, a morte agarrou-o pelos cabelos e o levou.

O inventário do mundo, inconcluso, estava feito de ferro-velho.

Vidros quebrados,  
Vassouras calvas,  
Chinelos caminhados.  
Garrafas bebidas,  
Lençóis dormidos,  
Rodas viajadas,  
Bandeiras vencidas,  
Cartas lidas,  
Palavras esquecidas e  
Águas chovidas.

Arthur havia trabalhado com lixo. Porque todo lixo era vida vivida, e do lixo vinha tudo o que no mundo era ou tinha sido. Nada de intacto, merecia aparecer. O intacto tinha morrido sem nascer. A vida só latejava no que tinha cicatrizes.

Estou aqui compartilhando do que não é original, mas do que vem com cicatrizes e lateja. Do que é imperfeito.

Apontando para a imperfeição como parte do nosso existir, já que “todo parecer é imperfeito” e a imperfeição é “nossa condição humana”, Oliveira, tradutora de *Da imperfeição* de Greimas (1987/2002), nos aponta que a proposta dele nesta obra seja a

abertura para um “sentido, sentido”<sup>3</sup> (Oliveira em nota a Greimas, 1988/2002, p. 10) na relação que vivemos com o mundo. Sugere que não apenas a grande arte, ao desencadear algo extraordinário, possa produzir novas possibilidades e valorizações, rompendo com o que foi pré-constituído, mas também a “experiência estética a ser produzida por arranjos e rearranjos das coisas simples que fazem parte de nosso viver rotineiro.” (p. 11). Esta proposição faz pensar em nossa condição ao nascer e na confusão de sensações nestas experiências iniciais. Também faz refletir sobre concepções (Bion, 1961/1988) e na influência das protoemoções (Bion, 1976/1985), na singularidade que cada um de nós traz consigo, na necessidade de ser recebido, na necessidade de gradualmente apropriar-se de si e do ambiente oferecido. E, ainda, também nas necessárias cesuras (Bion, 1977/1981), frutos de movimentos pertinentes às nossas mudanças de cada dia. Conjecturo a singularidade de cada relação possível de ser construída, dada nossa subjetividade que determina um gosto próprio, uma opinião própria, as maneiras de levarmos nossas vidas, algumas vezes nos alimentando de ilusões e esperas, em vãs tentativas de substituir algo imaginado, ilusório, pelo que é possível viver. Enfim, coisas simples, sim, já que comuns, porém tão complexas em sua diversidade, já que a dificuldade é justamente usufruir da vida, a partir do que foi constituído originalmente.

### **Aproximações teóricas**

Estética, palavra originada do grego *Aísthesis*, designa a ação genérica de sentir. A estética, ciência ou teoria da arte e do Belo,

---

<sup>3</sup> Em “Para uma semiótica sensível”, Eric Landowski (2005), explorando *Da imperfeição* de Greimas (1987/2002), reflete sobre a tentativa de Greimas de rechaçar a posição tradicional que opõe o sensível ao inteligível, numa proposta, portanto, de tornar a própria semiótica mais sensível. Concebe assim a experiência estética como uma aprendizagem gradual dos objetos através de ajustes às qualidades sensíveis deles através de nossas interações com eles, quer sejam obras de arte, quer outras pessoas e ainda coisas mais ordinárias que compõem o meio ambiente de nosso cotidiano.

estuda os princípios dos objetos estéticos e pertence a ela o estudo do Belo e do Sublime (Abbagnano, 1982). Conforme Kauffmann (2008), Kant, em *Crítica da faculdade do juízo* (1790), baseou sua análise do belo e do sublime na compreensão do que denominou juízo estético ou juízo de gosto, definindo “gosto”, como sendo uma avaliação subjetiva de prazer ou desprazer estéticos puros que os objetos nos causam.

Em seu artigo “O estranho”, Freud (1919/1976) integra estes conceitos, ao dizer que “por estética não se entende simplesmente a teoria da beleza, mas a teoria das qualidades do sentir” (p. 275). Esta é a minha intenção: abordar as manifestações sensíveis do objeto subjetivamente captado pelos pacientes, a partir de evidências possíveis de serem apresentadas por eles da apreensão deste.

Kauffmann (2008), utilizando o conceito kantiano de “coisa-em-si” (o numeno<sup>4</sup> para Kant), mostra que não é possível saber da coisa-em-si, o objeto físico, pois quando esta coisa-em-si adentra na mente de alguém, já se compõe com a subjetividade desta pessoa, e, portanto, foi afetada por ela. O objeto já representado pode despertar em mim sentimentos de prazer e desprazer, e, em sendo assim, o objeto que tenha sido percebido a partir destes sentimentos, e apenas a partir deles, é o objeto estético. Após formarmos um conceito sobre o objeto, podemos imaginar e intuir, baseando-nos no sentimento de prazer-desprazer.

Langer (1941/1989) aponta para a “emoção estética” (pp. 255-256), que faz parte da criação nas diversas artes e que é comparada algumas vezes com o sentimento de quem aprecia a arte. Para ela, “a sensação de beleza e o prazer estético” de quem contempla a obra não se igualam à “excitação tensa” e à alegria de quem a cria.

---

<sup>4</sup> Nômeno ou numeno é um termo introduzido por Kant para indicar o objeto do conhecimento intelectual puro, que é *a coisa em si*. O objeto da sensibilidade é o sensível, e era chamado de fenômeno. O que nada contém que não possa ser conhecido pela inteligência é o inteligível, chamado de numeno. Em Platão, o numeno era usado em contraponto a *sensível*.

Quem contempla a obra, pode alcançar uma compreensão dela, gradativamente, o que pode levá-lo a sentir sua própria “sensação de beleza”. Langer distingue, ainda, a emoção estética, do conteúdo emocional da obra. Ela vê a primeira, como algo que emerge de um “triunfo intelectual” vindo da “superação de barreiras do pensamento” e o conteúdo emocional da obra, como “muito mais profundo do que qualquer experiência intelectual. Desta forma ela o aproxima do “essencial, pré-racional e vital”, àquilo que diz respeito ao que partilhamos enquanto humanos: “às próprias realidades últimas, aos fatos centrais de nossa breve existência”. Assim, compara o prazer estético, embora não seja idêntico, “à satisfação de descobrir a verdade”.

Estar disponível para partir em busca da verdade de quem somos é algo fundamental, embora uma Verdade inacessível, porém mostra o caminho do pensar, e o pensar é algo que nos leva a criar. “Criar é a única saída para lidar com essa realidade que não pode ser conhecida, apenas imaginada” (Chuster, 2020, p. 64). Portanto, esta experiência de buscarmos a nós mesmos quanto for possível, pensar quem somos e como somos, é o que pode levar à nossa experiência estética a um sentido de existência. A apropriação do que sentimos, e qual valor se dá ao que estamos apreciando, pode ser realizada desta maneira. E esta apropriação traz em sua origem a experiência original feita na relação com nossos pais. Dependerá, assim, de como foi recebido e ampliado a partir da primeira relação estabelecida no encontro mãe e bebê, e suas ampliações com o ambiente que será registrado conforme a subjetividade da experiência de cada um. Usaremos esta experiência descoberta singularmente como alimento necessário ao desenvolvimento mental, ou não, conforme Melanie Klein (1952/1985) já afirmava: “sustento que a transferência se origina dos mesmos processos que, nos estágios iniciais, determinam as relações de objeto” (p. 76).

A experiência estética entre o bebê e sua mãe, diz Meltzer, de

fato é “comum, regular, costumeira, e tem milênios atrás de si, desde que o homem pela primeira vez viu o mundo ‘como sendo lindo’” (Meltzer & Williams, 1988/1995, p. 37). Ainda, sobre experiências protomentais Meltzer (1990, Capítulo 2) diz que o bebê é dotado de extraordinária inteligência, inclusive antes de nascer, e que “sem dúvida, o bebê humano é capaz de responder diante da beleza do mundo e diante de sua inevitável fragilidade” (p. 21).

No entanto, esta é uma relação complexa e que dá origem a inúmeras implicações em nosso devir. Suportar o belo, tolerar o enigma, procurar a verdade, são as “coisas simples”, e ao mesmo tempo tão complexas, que manifestam suas raízes em nossos primeiros momentos, dentro de nossas mães, e se ampliam em miríades de possibilidades.

Bion (1962/2004), ao referir as funções mentais que a mãe desempenha para com seu bebê, para ajudá-lo a conter seus estados caóticos gerados por experiências emocionais que o impedem de aprender a pensar, aponta para esta importância da presença materna como fundamental na constituição do pensar do bebê. Meltzer (1992/1994, Capítulo 2), baseando-se nessa teoria do pensar, destaca que a mãe se torna não apenas um objeto utilitário que auxilia a transpor o desamparo inicial, como também um objeto a ser internalizado, pois, com sua *rêverie* mostra-se sua importância enquanto objeto pensante. Ainda Meltzer, tomando a formulação de Bion sobre verdade ser um alimento necessário ao desenvolvimento da mente, e integrando a ideia de que verdade é enigma, já que o interior da mãe é desconhecido, considera que suportar esse enigma sem respostas precipitadas seria conquistar o desenvolvimento mental (Meltzer & Williams, 1988/1995). Para Meltzer, segundo Ungar (2000), “o amor à verdade está ligado à capacidade de apreciar a beleza do objeto, conforme Keats, para quem beleza e verdade se equivalem” (p. 163)

Williams (2010/2018) amplia e junta os elos dessa questão

quando afirma: “nossas respostas estéticas em todas as áreas se baseiam no conhecimento original, primordial, adquirido pelo bebê, da primeira percepção da beleza do mundo tal como vista na mãe ou no seio como objeto combinado”<sup>5</sup> (p. 16). Ela, então, cita Meltzer (1986): “No princípio era o seio, e o seio era o mundo”.

Ungar (2010), ao afirmar que “a verdade é beleza desde que se tolere o mistério do inapreensível e exista capacidade para suportá-la” (p. 21), foca uma questão importante: propõe pensarmos em como encontramos a pessoa que nos procura. Penso: que histórias nos trará? Afinal, nosso mundo não é construído por nossas histórias?

Reflijo sobre a tentativa de desenvolver condições de pensar, em pacientes que se apresentam onipotentemente com verdades/mentiras paralisantes, áreas protegidas e escondidas por detrás de adesões a drogas, à sexualidade de risco, e que, como observo em modelos que trago a seguir. Percebo que, na ausência do belo e do trágico, excluídos da nossa conversa, o que aparece são como sonhos descritos de como se alienam do real. Nossos encontros e reencontros e desencontros se dão como em um espaço sem cor, onde luto para submergir de uma avalanche de detritos e construir algo como um inventário do mundo deles, para eles. Seres extremamente sensíveis, penso, cujo sofrimento necessita estar sempre em anestesia.

Convivo com perturbações que evidenciam para mim recursos primários, de origem, o que impediram ou prejudicaram muito a possibilidade de o bebê relacionar-se com sua mãe de outra forma que não esta, posta ali comigo, e por consequência, estas são configurações da realidade que ali estão. O próprio Meltzer (1992), ao nomear a questão do conflito estético, distingue que: diante das possibilidades do transbordamento dessas antiemoções, ao descobrir-se frente à beleza e ao mistério da mente da mãe, um recém-nascido, em função da complexidade de emoções que lhe

---

<sup>5</sup> Objeto combinado em Meltzer é ampliado para além da ideia kleiniana de objeto combinado insuportável para a criança.

provoca turbulências, pode sentir temor e angústia. Isto pode ser provocado no momento da descoberta da beleza, do aleitamento e da mente da mãe como uma “religião desconhecida” (Williams, comunicação em aula, 2009).

Como todo indivíduo, ao defrontar-se com uma nova experiência que exija ser capaz de pensar em novas ideias, ou de enfrentar situações novas, estará dependendo de suas experiências iniciais, considero que as dificuldades na transferência e contratransferência, surgidas na sala de análise, estejam sempre sendo atualizadas e trazendo um sombreamento que transforma a realidade que pode ser compartilhada. Embora distinta do original, torna-se recorrente a experiência do analista ser experimentada pelo paciente como a mesma, como se fôssemos iguais aos objetos subjetivamente percebidos e já “conhecidos” por ele e estivéssemos rerepresentando a ele esses momentos originais. A partir de estímulos que me levaram a essas reflexões, conjecturo sobre as dificuldades para auxiliar à conquista de confiança para experimentar experiências emocionais e construir representações-sonho, diversas de seus primeiros momentos de sentir e pensar, já que revividos sobre uma nova experiência. Seria possível? Pensar sobre esta possibilidade seria uma idealização minha da psicanálise? Minha incerteza me faz parar para refletir.

Reflico: a “verdade/mentira” que esta pessoa porta consigo, construída por seus próprios recursos, “apesar de”, suporta contato? Se houve uma evasão do conflito estético, originalmente, já que o objeto estético tem o poder de provocar emoções como paixão-antipaixão, o que estaria prevalente nessa pessoa?

E se nenhuma possibilidade aparece, mas sim, uma anestesia dos recursos para tolerar qualquer turbulência emocional causada a partir do conflito estético, e as flutuações tolerância/intolerância forem mantidas e agravadas por evasão transferencial de contatos ulteriores ao original, como uma “verdade/mentirosa”? Em sendo,

estariamos tentando trabalhar a verdade a partir de recursos imaginários que possam estar latentes por detrás de aderências, estados autísticos, vazios anestesiados com drogas e sexo, e outras atividades “confortantes”. Vislumbro, assim, considerarmos a presença de uma mente em estado de turbulência enquanto bebê, que por não ter encontrado correspondentes que realizassem suas preconcepções de encontrar amparo, proteção e o despertar de sua mente, possa estar consideravelmente à espera, aguardando o objeto preconcebido e não encontrado.

Contudo, pode ainda ter desistido de encontrá-lo, e não mais sentir-se com esperança desse encontro. Dessa forma, é possível negar sua necessidade de objetos, desconsiderando qualquer encontro com objetos possíveis em sua vida, tratando a todos como coisas, e não pessoas, usando-os como se estivessem a seu dispor. Nestes casos, estaríamos diante de alguém com prevalências de evasão da dor do desamparo original criado a partir do conflito estético, tomando como verdade suas crenças endurecidas de que é possível viver numa ausência de vinculação emocional. No entanto, se tivesse havido sucesso nesse empreendimento, para que o uso de drogas e de sexo indiscriminado? De outras aderências? Que terror é este do qual precisam se livrar?

Minha proposição se encaminha para a observação das evidências de evasão de estados originais atualizados de conflitos estéticos em pacientes adultos. Através de dificuldades aparentes no desenvolvimento de vínculos, com relações fragmentárias e vazias, vislumbro que possam ter sido desta forma, originalmente realizadas e experimentadas desde então.

O que se depreende dessas observações é sempre a importância das primeiras interações entre a mãe como matriz psicológica do bebê, possibilitando o início das experiências estéticas. A mãe, “objeto transformacional”, conforme Bollas (1987/2015), com seu “idioma de cuidado” e a experiência do bebê deste cuidado, “é

uma das primeiras, senão a mais precoce, estética humana” (p. 67) Alimentar, trocar as fraldas, acalmar, sussurrar, carregar e brincar são transmissões que a mãe faz de sua estética e se tornam “a ocasião mais profunda, na qual a natureza do self é formada e transformada pelo meio ambiente” (p. 67).

Em sua formulação sobre a importância da fascinação pela beleza do objeto, ou sobre a importância do olhar amoroso da mãe sendo sentido pelo seu bebê, Meltzer aponta a importância do instinto epistemofílico, desejo de conhecer o interior da mãe e o mistério que ela traz em sua mente (Meltzer & Williams, 1988/1995). Este pode surgir deste encontro estético inicial, porém também pode haver uma fuga pelo impacto que a beleza da mãe e sua mente misteriosa possam causar no bebê. Na evasão desta experiência, nossas vidas podem ser vividas, mas sem imaginação, sem sonhos, apenas sob a égide de imitações, repetições, aderências às ideias, modelos oferecidos pelo ambiente, portanto, limitados. Este impacto que pode ser causado no bebê pela visão de sua mãe, ou, diante de sua presença, pode acontecer também pela sua ausência. A confiança será uma qualidade importante para a mente incipiente que estará lidando com todas as primeiras impressões e emoções. Desta forma, a beleza e o mistério da mente materna que podem despertar a inteligência do bebê e a vontade de conhecer sua mente, também podem impedi-lo. Estamos, portanto, falando de algo que se dá, que emerge, através de uma relação, onde as concepções que o bebê busca realizar ele espera conseguir de uma mãe que possa auxiliá-lo a chegar às realizações que procura. O bebê procura alguém que o possa acolher em suas necessidades e incompletudes, o retire do desamparo em que chega ao mundo e o auxilie a reunir condições de crescer e poder pensar. As dificuldades nesses contatos iniciais são frequentes, e seus fatores são inúmeros, dependendo de cada relação, de cada história que mãe e filho constroem, porque dependem das concepções do bebê em interação com as possibilidades de concepções e realizações que a

mãe oferece e que os dois juntos possam conseguir.

Ribeiro (1999) aponta que aquilo que pode roubar a beleza a ser usufruída da mãe pelo bebê pode ser “fatores provocados pela angústia de separação, privação emocional ou física, doença física, conflito edipiano pré-genital e genital e fatores imprevisíveis como doenças, morte, etc.” (p. 107). Desta maneira, a capacidade para intimidade apaixonada a ser desenvolvida no contato com o outro fica prejudicada. No encontro analítico, lembra a autora, o analista detém qualidades (beleza) que o analisando não possui, tornando-nos assim, “o objeto presente na transferência, sendo esse, na atualidade, mais significativo do que toda a série de ansiedades que lhe despertaria qualquer objeto ausente” (p. 107).

Pacientes que carreguem essas dificuldades dentro de si, trazem, para nós analistas, limitações no que concerne ao desenvolvimento de uma relação de onde possa emergir confiança básica para desenvolvermos condições de buscarmos juntos a verdade. A presença de uma ausência de condições emocionais para tolerar a ausência da mãe, ou falhas ou mesmo faltas de continência às suas demandas, proporciona de imediato sentimento de frustração e desamparo. Como consequência, a evasão de contato com as emoções que possam surgir, e, portanto, uma repetição conosco da privação emocional ou física experimentada originalmente que provocou condições insuportáveis em sua realidade interna. Isto traz como consequência ausência de resposta emocional na experiência com o outro, portanto, conosco. Williams (comunicação em aula, 2009) acredita que este conflito estético (Meltzer, 1985), mesmo sendo de breve duração, e tendo sido “esquecido”, não pode mais ser cancelado da mente humana. Ou seja, mesmo após a evasão do conflito estético, traços desta primeira visão do objeto estético e as impressões causadas permanecem na mente. Ainda, aponta ela (Williams, 2008), que um modelo estético se baseia na tolerância de emoções contrárias, enquanto são articulados diferentes aspectos e

conflitos, e se procura harmonizá-los. Portanto, apesar desta evasão, evidências dela permanecerão como consequência, pois a falta de meios de lidar com a turbulência das emoções e antiemoções que esta visão lhe causou vai mostrar-se como falta de contenção para as identificações projetivas, de confiança na possível *rêverie* e continência de outras pessoas. Augusto e Manuela, pacientes dos quais trago fragmentos, me trouxeram experiências assim, com impossibilidade e dificuldade para relações que possam expressar emoções. Tanto como percebi nos modelos estéticos dos quais apresento fragmentos, no filme *A grande beleza* (Sorrentino, 2013), e no conto “O espelho”, de Machado de Assis (1882/1985). Estes estados se apresentam nos apontando para conflitos originais do contato entre mãe e bebê.

### **A fuga do conflito estético**

Ao observar os personagens do filme *A grande beleza* de Paolo Sorrentino (2013) e do conto “O espelho” de Machado de Assis (1882/1985), tanto quanto alguns pacientes, reflito que emerge a possibilidade de estarem se utilizando de festas, eventos, drogas e sexualidade promíscua, bem como a própria vestimenta, como meio de se evadirem de conflitos emocionais, ou para amarrarem fragmentos, e ao evitarem emoções por consequência, não constroem vínculos e, portanto, se evadem também do pensar. Chama-me a atenção os vínculos predominantes que sugerem -L, -K, -H, com ausência de construção de vínculos criativos e amorosos. Apenas ficam evidentes a hipocrisia entre as relações, a alienação, o desinteresse pelos demais e um descontentamento pela vida que promove uma busca desenfreada por uma beleza que sempre é desconhecida, já que o entorpecimento das emoções prevalece.

Jep Gambardella, personagem principal do filme, reflete: “está tudo sedimentado sob o falatório e o barulho: o silêncio e o sentimento, a emoção e o medo, os esparsos e inconstantes lampejos

de beleza. No fundo, é só uma ilusão. Sim, é só uma ilusão” (Sorrentino, 2013). Somos colocados em contato com estados de falta de condições para viver criativamente e descobrir o belo. Jep, aos 65 anos, muitos deles vividos em intensa experiência na alta sociedade de Roma, cidade repleta de surpreendentes belezas artísticas, expressa seu desencanto por não ter conseguido realizar experiências estéticas significativas e duradouras. Os instantes de beleza experimentados por ele são considerados lampejos, e até podem ter sido, porém se alcançam os sentidos, permanecem representados em nós, sem que os confundamos com ilusão. Não é a duração que dá o valor do belo. Freud (1916/1974) já dizia: “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (p. 345). Suas experiências, nomeadas de insignificantes e inconstantes, nos remetem à provável ausência de experiência estética satisfatória com o objeto primordial. As absurdas festas e performances artísticas vorazmente frequentadas pelos personagens do filme são procuradas como quem permanece à procura daquela experiência estética, da qual se evadiu.

No conto “O espelho”, de Machado de Assis (1882/1985), Jacobina, o personagem, cria uma teoria sobre a existência de duas almas: “uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro” (p. 32), cujo objetivo seria o de transmitir vida. No entanto, se apenas a alma exterior se mantém ligada a alguma coisa, sua outra metade, esvaziada, pode levar à perda de toda uma existência. Aderindo-se a algo externo, evade-se do vazio que possa surgir em sua alma, e por isto muda de alma exterior algumas vezes por ano. Esta alma exterior pode ser um homem, muitos homens, um objeto, até mesmo um botão de camisa, um tambor, um chocalho, ou um cavalinho de pau. “Conheço uma senhora, ... que muda de ‘alma exterior’ cinco a seis vezes por ano: ora é a ópera, ora um concerto, ora um baile no Cassino, Petrópolis” (p. 33). E conta de sua própria experiência, quando certa vez, ao olhar-se no espelho, descobre-

se sentindo-se sem existência, a não ser que estivesse vestido com seu uniforme de alferes. Sem este, “contempla as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes” (p. 39). Aderido à sua farda, Jacobina sente como se esta significasse para ele um exoesqueleto, que o protege da falta de existência que ele carrega em seu interior.

Encontro-me com Manuela e Augusto, que se mostram também em busca de algo que pudesse dar-lhes algo diferente do que estavam experimentando até então em suas vidas. No entanto, se para Manuela estar ao meu lado, dentro da sala de análise, era bastante difícil, para Augusto permanecer os cinquenta minutos ao meu lado tornava-se impossível de tão angustiante. Sua inquietação na poltrona, suas frases desconexas e seu impulso para ir embora tornavam impossível conseguirmos algum contato. Melhor dizendo, seu contato possível era sempre permeado de perturbações que o levavam a imaginar, de imediato, algo que iria encontrar fora dali que o deixaria tranquilo: drogas e amigos para transar. Enquanto Manuela parecia procurar, com muito esforço, como numa concepção, alguém a quem ligar-se para tentar realizar um encontro que a amparasse, Augusto com uma necessidade de evadir-se para evitar vinculação, me contava de sua crença sobre como o cigarro de maconha que iria partilhar com o colega, o estado proporcionado pelo uso de drogas ou os meninos que estavam disponíveis para fazerem “sexo” trariam para ele algo melhor do que qualquer conversa. Muito melhor seria esta ilusória e fugaz satisfação à qual se aderira, do que esta nova e desconhecida experiência comigo. Estar ao meu lado tornava-se terrífico, e estados de ansiedade pairavam entre nós, desde a sua chegada até a partida.

Em mim, a continência flutuava, de um grande interesse em conhecer a linguagem dos dois, permeada de gírias e desconhecidos comportamentos, vestimentas bastante exuberantes, típicas de adolescentes procurando serem vistos, colocam-me em estado de

disponibilidade para apreciar, descobrir; por outro lado, a indiferença que mostravam, mesmo quando apenas sugerida, apontava-me para tomar uma distância cuidadosa, evitando a aproximação temida, sondando terrenos com cuidado para não detonar alguma mina por ali esquecida. Apesar dos cuidados, compartilhávamos uma turbulência emocional enorme em cada sessão. Se algumas vezes ríamos juntos, em outras o rancor que como uma nuvem turvava o ambiente ficava prevalente. Alguns dos comportamentos de risco que os dois me contavam, como se fossem vantagens, me comoviam dado o grande desamparo que se tornava evidente, enquanto os ouvia.

As sutilezas dos encontros e desencontros podiam ser vistas, porquanto Manuela ao sair parecia sempre mais tranquila, logo buscando aumento do número de sessões, “para aproveitar enquanto estivesse por aqui, pois iria se formar e ia ter que ir embora”, enquanto Augusto, ao contrário, chegava mostrando desinteresse, e saía falando da importância que sentia em ir embora encontrar colegas e num estado de poder e triunfo justificava: “sou carne nova no pedaço, sabe?” Desejado por tantos, sexualmente, não precisava de mim, que lhe oferecia o desconhecido, ou se conhecido, descartado como ineficiente e desagradável. Seu interesse em nosso contato era o de mostrar-se sem necessidade de contato algum, reafirmar-se em sua pretensa independência. Um desastre anunciado, como se originalmente tivesse mantido uma crença de que apenas ele sabe do que pode ser melhor para si mesmo. Em sendo assim, a presença do outro se torna terrorífica, algo impensável, não possível de inclusão. Após dois meses de tentativa, rompeu com o que estávamos procurando meios de conseguir. Sua prontidão para evadir-se torna-se de fato um rompimento do que lhe parece ser objetivamente insuportável. Ainda, conforme Ribeiro (1999), parece não poder encontrar-se com alguém ou algo que é insuportável a ele, primitivamente, e que ao atualizar esta condição, ou a falta sentida, torna-me, transferencialmente, o objeto provocador das suas ansiedades.

As crises de pânico de Manuela demandam carência de alguém por perto, que com continência a auxilie com suas “dores no peito”, e com sua perturbação que a coloca “fora de si”. Embora nossas sessões sejam repletas de falas endurecidas, certas que parecem fazer de minhas conversas sons desnecessários, ela me ouve, me responde, indicando algum contato. Não responde claramente às minhas perguntas, trazendo descrições de condutas que considera como uma “filosofia de vida”: cuidados precários consigo mesma, seu corpo exala o cheiro de falta de banho, assim como o cabelo longo e seboso, num rabo de cavalo; vida simples, veste-se de maneira bastante descuidada e anda a pé, apesar das enormes distâncias. O dinheiro que o pai envia, “fica lá no banco. Quase não gasto. Apenas o necessário”. Despreza o modo de viver do pai que “só pensa em ganhar dinheiro”. Mostra, desta maneira, que parece intuir que necessita de contato, de carinho, de atenção, de ser vista, de ser contida em seus terrores.

Em ambas as experiências de vida que fazem são tentativas de não entrar em contato com a realidade e, então, a experimentam assim, através de sonhos/pesadelos, mantendo uma distância necessária. As ameaças, que na verdade são internas, passam a ser provocadas “pelos outros”. Em suas atuações de pseudoindependência, utilizam drogas e sexo promíscuo com pessoas usadas como meios de aliviar-lhes angústias das quais não conseguem aliviar-se de outra forma. Essas são as maneiras pelas quais conseguem algum contato. Seus comportamentos sexuais evidenciam adesividade, usada para atenuar dolorosos estados mentais.

As dificuldades de Augusto e Manuela em constituir representações das figuras materna e paterna confiáveis, pessoas com quem possam contar, evidenciam-se em suas dificuldades em reconhecer o outro, e diferenciá-lo de si, dificuldades próprias destas mentes. Encontram na adição formas de não entrarem em contato com o que lhes falta, desenvolvendo proteções contra a

consciência das falhas do objeto e contra estados primitivos de terror relacionados à separação corporal e emocional. Portanto, a constante busca que Manuela e Augusto trazem me aponta para algo que possa ser estímulo ao prazer, denotando sua condição mental ligada ao sensorial.

Augusto diz:

Estou apaixonado, sabe? Os outros são apenas para me divertir. Apaixonei de cara! Assim que o vi! Fomos para o “rolê” juntos, e lá ele já me grudou e não queria que eu ficasse com os outros. E todos me querendo! Gente, que inferno! Por que é que precisa grudar? Eu detesto grude! Explico para ele que não tem outro para mim, que ele é tudo, mas ele quer que eu seja só dele. Quero ficar com todos, não apenas com ele. Manuela também assim se manifesta a respeito de alguém com quem “ficou”:

Se ele quer se satisfazer sexualmente e me procura, faz o que precisa até ficar satisfeito. Tudo bem para mim, é a necessidade dele. Numa boa: eu deixo que ele se satisfaça do jeito que quiser comigo, mas, apesar de gostar dele, se ele quer outra depois, por mim tudo bem. Numa boa, pois somos sinceros. Até o incentivo a ligar para outras, sair com outras. Em festas eu também gosto de ficar com outros.

Augusto fala dos pais com desprezo e conta que é suicida: se não permitirem que ele fume maconha, que fuma desde os 13 anos, se mata. Já tomou certa vez os remédios para dormir que a mãe toma, mas ninguém percebeu, pois ele só dormiu a mais. Já tentou suicidar-se uma vez, tomando os remédios para dormir da mãe, de uma vez. Dorme cerca de quatro horas por noite, depois de fumar maconha. Manuela conta do mês que ficou internada em coma, quase morreu, devido a um acidente de carro. Não se lembra de como aconteceu, mas sim, de quando acordou e, ao ver sua família ao seu lado, disse a eles para irem embora, pois não precisava deles ali. Habitou-se a

viver sem acolhimento da família ou de amigos. Denota experiências de afastamento do contato afetivo, como se esta fosse uma forma de viver.

Em minhas tentativas de compartilhar companhia, de aproximar-me de suas dores, Manuela consegue me aceitar, embora repetindo em nossos encontros seus estados de desencontro esperado, evasão diante dos estranhamentos que despertavam nela o meu oferecimento de companhia. Manuela, ao permanecer alguns meses, me aponta para uma possível oportunidade de contato que lhe foi possível. Sua aderência a mim, à análise, representava sua tentativa de poder chegar ao fim do curso. Pouco antes de terminarmos nossos encontros, ela começa a faltar, sem dar notícias, e vem na última sessão para despedir-se. Seu comportamento de evasão denota-se antes da despedida.

### **Algumas considerações**

O compartilhar dessas angústias leva-me à percepção de envolvimento em turbulências emocionais e muitas desconfianças, impositivas de voltarmos a experimentar juntos estes estados de pavor. A utilização frequente de drogas e o descuido com eles mesmos, se ausentando de sessões e confiando mais nestes usos habituais do que em experimentações novas comigo, impedem a intimidade que poderia nos aproximar destes estados. Apresentam-se com muito medo de um novo encontro com outro objeto que possa ser uma repetição daquele primeiro, por isto a evasão das relações que possa trazer a experiência emocional é sempre procurada. Cogito, portanto, a ação da antiemocionalidade, como evasão do conflito estético, conforme Meltzer (Meltzer & Williams, 1988/1995). Faço conjecturas de que o belo do objeto primário tenha causado tal impacto “em sua qualidade enigmática” (p. 50), que o desejo de conhecer pode ter sido obstruído pelo fechar dos olhos do bebê, com retirada para o menos Amor, menos ódio e menos Sede

de Conhecimento (Meltzer, 1992), considerando a teoria de Bion (1961/1988).

As aderências são repetidas magicamente, meios disponíveis sempre que a angústia os impulsionar a buscá-los, e que são transformados alucinatoriamente em colo perfeito, sem falhas, ao menos momentaneamente. Como permanecem em estados aparentemente indiferenciados, ou seja, parecem não terem conseguido constituir um continente para conter suas emoções e poder pensar, acreditam que estão oferecendo tudo de bom para si mesmos. Assim, dependentes, se iludem de que não necessitam de outra pessoa, nem conseguem alcançar um estado em que possam sentir-se de fato dependentes do outro que também possa ser companhia.

Os momentos de aquisição de si e descoberta do outro, e da realidade, sabemos, são fundantes na conquista das emoções predominantes que darão contorno à nossa possibilidade de visão, ampliação e expressão de vida. Sem dúvida, as experiências primárias permanecem reverberando, influenciando nossas vidas. As evidências de como nossas primeiras incursões no mundo são propiciadoras de emoções que necessitam de um objeto continente para que, contendo turbulências, possamos transformá-las em algo com qualidades, aí se revelam, como definidoras das nossas constituições mentais.

Como caminharíamos com estes pacientes em direção aos primeiros ambientes, onde o belo e o imperfeito conviveram e convivem, e conseguir desenvolver com eles condições de permanecer de “pálpebras abertas” (Greimas, 1987/2002, p. 91)? O impasse surge diante de nós, analistas, dada a intolerância a qualquer ameaça, sutil que seja, de mudança do que foi desenvolvido como estruturante na forma de viver. Apesar dos abusos intensivos desses jovens que bordejam a possibilidade de morrer, permanecemos pensando em manter vida, em busca de alguma estesia, dadas as

possibilidades de cada um. Penso ser essa uma função essencial do trabalho analítico, à qual devemos estar atentos, pois fatores antiemocionalidade estão sempre a nossa volta, seja na mente dos analisandos, ou, potencialmente, também nas nossas. Conforme Greimas (1987/2002):

O que resta? A inocência: sonho de um retorno às nascentes quando o homem e o mundo constituíam um só numa pancália<sup>6</sup> original. Ou a vigilante espera de uma estesia única, de um deslumbramento ante o qual não nos encontraríamos obrigados a fechar as pálpebras. (p. 91)

### **Primeros contactos: reflexiones sobre la estesis**

**Resumen:** el presente texto analiza la película *La gran belleza*, de Paolo Sorrentino (2013), y el cuento “El espejo” [*O espelho*], de Machado de Assis (1882/1985), porque dichas obras inspiran reflexiones al respecto de una búsqueda repetida de la estesis de lo bello en pacientes con dificultades para disfrutar de ella. La adherencia a personas, a eventos, a cosas y a las repeticiones desenfrenadas de estímulos sexuales como también el uso de drogas provocan conjeturas sobre la evasión del conflicto estético (Meltzer, 1988/1995). Los desencuentros que pueden ser observados en las experiencias que impiden las relaciones con lo bello y con lo trágico, impulsan a la autora a cogitar la acción de la “antiemocionalidad” propuesta por Meltzer, como siendo una evasión del “conflicto estético”.

**Palabras clave:** experiencia estética; conflicto estético; antiemocionalidad.

---

<sup>6</sup> Pancália: termo formado a partir do grego *pān*, “todo”, e *kállos*, “o admirável” (e não somente o belo, apenas uma de suas manifestações) (Abbagnano, 1982). Na proposição de Greimas, a imperfeição é um dos mecanismos da pancália.

## First contacts: reflections on the aesthesia of beauty

**Abstract:** the film *The great beauty* (*La grande bellezza*), by Paolo Sorrentino (2013), and the short story “The mirror” [*O espelho*], by Machado de Assis (1882/1985), inspire reflections on the repeated search for the aesthesia of beauty in people who have difficulties in enjoying it. The adherence to people, events, things, as well as to the unbridled repetitions of sexual stimuli and of drugs use lead to conjectures on the evasion of the aesthetic conflict (Meltzer, 1988/1995). The mismatches observed with experiences, which prevent relationships with beauty (and with tragedy), lead the author to cogitate on the action of the “anti-emotionality” proposed by Meltzer, as an evasion of the “aesthetic conflict”.

**Keywords:** aesthetic experience; aesthetic conflict; anti-emotionality.

## Referências

- Abbagnano, N. (1982). *Dicionário de filosofia*. Editora Mestre Jou.
- Assis, M. (1985) O espelho. In *Melhores contos: Machado de Assis* (D. Proença Filho, Org., pp. 31-40). Global Editora. (Trabalho original publicado em 1882)
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1985). Evidência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(1), 129-141. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1988). Uma teoria do pensar. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica: Vol. 1. Artigos predominantemente teóricos* (pp. 185-193). Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W. R. (2004). *Learning from experience*. Rowman & Littlefield Publishers. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bollas, C. (2015). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)
- Chuster, A. (2020). Sobre o mito de Édipo. In M. M. Ribeiro (Coord.), *Matrizes míticas na obra de Bion* (pp. 55-93). Blucher.
- Freud, S. (1974). Sobre a Transitoriedade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 15. Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II) (1915-1916)* (pp. 343-348). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1976). O “estranho”. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (pp. 273-314). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Greimas, A. J. (2002). *Da imperfeição*. Hacker Editores. (Trabalho original publicado em 1987)
- Kauffmann, A. L. (2008). Sobre a contemplação reflexiva estética na sessão psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 29-39. <https://bit.ly/3nA8vSd>
- Klein, M. (1985). As origens da transferência. In *Inveja e gratidão*

- e outros trabalhos: 1946-1963* (pp. 70-79). Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Landowski, E. (2005). Para uma semiótica sensível. *Educação e realidade*, 30(2), 93-106. <http://bit.ly/3qU72rT>
- Langer, S. K. (1989). *Filosofia em nova chave*. Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1941)
- Meltzer, D. (1985). L'objet esthétique. *Revue Française de Psychanalyse*, 49(3), 1385-1389.
- Meltzer, D. (1990). *Metapsicología ampliada: aplicaciones clínicas de las ideas de Bion*. Spatia.
- Meltzer, D. (1992). Além da consciência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 26(3), 397-408.
- Meltzer, D. (1994). *Claustrum: una investigación sobre los fenómenos claustrofóbicos*. Spatia. (Trabalho original publicado em 1992)
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1995). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Nepomuceno, F. (Diretor). (2018). *Eduardo Galeano: Vagamundo* [Filme-documentário].
- Ribeiro, M. M. M. (1999). Estesia no cotidiano. *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 3(1), 105-115. <https://bit.ly/3mti9Vm>
- Sorrentino, P. (Diretor). (2013). *La grande bellezza* [A grande beleza] [Filme]. Indigo Film.
- Ungar, V. (2000). Transferência e modelo estético. *Psicanálise*, 1(1), 155-177. <https://bit.ly/2IVZNP0>
- Ungar, V. (2010). O efeito do conceito de conflito estético na clínica psicanalítica. *Berggasse 19*, 8(1), 17-29.
- Williams, M. H. (2018). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise: ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 2010)

**Sônia Maria Nogueira de Godoy**

Endereço: Rua José Salomoni, 286, São José. Franca/SP.

CEP: 14401-298

Tel.: (16) 3721-4089

E-mail: [smariag92@gmail.com](mailto:smariag92@gmail.com)